

CARTOGRAFIAS DA ATUALIDADE

ou OS VAGALUMES ESTÃO SUMINDO

Cartografias da Atualidade foi título de Aula Magna proferida pelo filósofo Peter Pál Pelbart para o Curso de Psicologia do UniBrasil no início do segundo semestre de 2018. Tomando o conceito e o exercício do poder pela via da positividade, ou seja, aquelas formas que, ao invés de interditar, incitam modos de existência, produzem subjetividade e vampirizam a vida, Peter aponta para linhas de fuga múltiplas e para a necessidade de deserção ativa a reeducar nossa percepção e voltá-la a modos menores de existência. Porque ao lado do poder, há sempre a potência.

AUTORA:

DULCE MARA GAIO
MESTRE EM FILOSOFIA,
PSICANALISTA SUPERVISORA
CLÍNICO INSTITUCIONAL DA REDE
DE SAÚDE MENTAL DE JOINVILLE,
PROFESSORA DO UNIBRASIL CENTRO
UNIVERSITÁRIO

Ao abrir o evento às perguntas, logo após uma fala serena, bem-humorada, com revelações biográficas, inclusive (por tempos Peter teve - ou ainda tem - um celular fake, de madeira... resistência e guerrilha singular), nos deparamos com uma pergunta certa: Então biopoder e biopotência são Pulsão de Morte e Pulsão de Vida? E a resposta direta, monossilábica: SIM, embalada num silêncio que diz que tudo já havia sido dito. Percebemos sem dificuldade que aquilo que parecia complexo demais havia sido transmitido com clareza e recebido com apropriação.

É que por aqueles dias, um burburinho havia tomado conta dos corredores. “Cartografias? Cartografias da Atualidade? Afinal, quem é ele e do que vem falar?” Para uma plateia atenta e em expectativa de ver-se esclarecer palavras que, juntadas, adquiriam configuração de enigma, Peter declara que tratará de tema muito simples: a vida. Não a vida em geral, mas no contexto contemporâneo, no qual se encontram duas tendências contrapostas para pensar tema tão antigo e invocado por todos, mas tomado por dois vetores pelos quais estamos esgarçados. De um lado, o poder tomou de assalto a vida, penetrou em todas as esferas, todos os genes, corpos, afetividade, psiquismo, inteligência, imaginação, tudo violado e colonizado pelo poder, pelos poderes, mecanismos no social que incidem sobre nossa existência. De outro, a atualidade apresenta um elemento novo, uma vez que se revelam, para além do modo de um exercício repressivo e negativo, poderes que investem a vitalidade social com palavras de ordem: Faça! Venha! Melhore!, (Goze!, lembramos Foucault) e que insistem e se organizam de modo a fazer parecer, como nas academias de ginástica, que é de desejo próprio que se trata. Sustentados por um trabalho imaterial, agenciados por filmes, pela indústria da informação, providenciando “uma” imagem de “cultura”, são poderes mais difíceis de pensar e de perceber do que aqueles repressivos, porque se insinuem como valorosos e aliados à vida.

No mundo do trabalho operou-se também um rearranjo com a



Peter Pál Pelbart.

produção imaterial. Agora, em prevalência, uma vez que a empresa anexou a si a esfera onírica e a colocou para trabalhar, o que se explora de quem produz é a força mental, psíquica, a imaginação e seus sonhos. A vida foi vampirizada. O que é vendido é informação, aplicativos, imagem, e o que consumimos afeta nossa subjetividade porque consumimos subjetividade, toneladas de subjetividade, formas de ser, jeitos de amar, que modulam nossa percepção e assim temos nossa subjetividade reconfigurada e redesenhada.

O sujeito contemporâneo vende a alma quando trabalha e modela a alma quando consome.

Há 70 anos se pensava que o poder e os sujeitos estavam bem-postos, cada um em sua essência, mas a verdade é que hoje a fronteira evaporou-se e não pode ser pensada como dicotomia, uma vez que os poderes nos monitoram de dentro mesmo de nossa

vitalidade social. Essa vampirização revela algo paradoxal: que o poder precisa de nossa vida e de nossa vitalidade, porque a vida não pertence ao poder, mas à potência da própria vida. Desta forma, frente ao biopoder que pretende sequestrá-la e dominá-la, mantê-la em passividade, a vida, ela mesma, redescobre sua potência e capacidade de revide, de onde extrai sua fonte de valor e de criação, estabelecendo um espaço de jogo e de resistência. A vida, portanto, comporta a capacidade de inventar o novo. (Ou, como diz a música de Adalberto Holanda/Eliberto Barroncas, lembramos, “o novo amanhecer vem de dentro do escuro”).

Nosso conferencista recomenda a leitura de *As Leis da Imitação*, de Gabriel Tarde, a dizer que no mundo temos imitação e invenção, mas mesmo quando se imita se inventa, nem que seja um pouquinho, e que é essa potência da invenção que, somadas suas emergências,

pode promover uma unidade psicopolítica na multidão. Assim vimos presidiários produzirem suas músicas de dentro dos muros, a ex-trair (no que a etimologia nos auxilia a pensar o ato: trazer de dentro pra fora, literalmente) sua vida, seu estilo de vida, sua indignação. A banda de Möebius ilustra suficientemente como o poder sobre a vida e a potência da vida são dois planos que coexistem. A nós nos cabe cartografá-los. (E usá-los, acrescentamos, porque é de assinalar que a arte de produzir mapas é datada de antes da invenção da escrita).

Como usar a biopotência para nos contrapormos ao biopoder e redesenhar o poder sobre a vida? A Companhia Teatral Ueinzz, diz Peter, experiência de teatro desde há muitos anos, acoplada ao hospital-dia A Casa, mostra como o dispositivo teatral proporciona campo de experimentação da própria potência da vida, redesenha a fronteira cristalizada entre saúde e loucura e investe, não os desvalidos que o biopoder produz, mas

ali onde o desejo ganha esplendor, corpos, gestos e sonoridades fabulosos. Aquele um que não tinha lugar, que não era ouvido e produziu o som anasalado Ueinzz, que deu nome ao grupo, se torna pilar de uma trupe inteira. O que era nada vira tudo.

Pelbart também lembra e recomenda Agamben, que com o conceito de vida nua, a existência no limite da animalidade ou um jeito de olhar a vida reduzida a seu estado biológico, ajuda a pensar aqueles que quase perderam as propriedades humanas e que, no teatro, podem sair da vida nua para o plano de potência da vida. Atores deixam de representar papel de paciente num teatro patético e atingem a dignidade de atores a experimentar várias existências outras, a conquistar um mínimo de território. Deslocamento da vida nua para a biopotência. O que é posto em cena é a vida, ela mesma, em modos menores. Alerta Peter que menores não é termo desqualificador, apenas o desvio da maioria, um certo modo de associar



Altieres Edemar Frei, Reginaldo Daniel da Silveira, Adriane Wollmann, Peter Pál Pelbart, Graciela Sanjutá Soares Faria, Fernanda Garbeline de Ferrante, Consuelo Fernandes, Dulce Mara Gaio.

dissociando, ali onde a fronteira entre a arte e a vida também é borrada em favor do teatro, da performance, da experiência.

Também se desfaz a fronteira entre a impotência e a potência, ou seja, a partir da fragilidade e da vulnerabilidade pode-se alcançar uma dimensão política. Porque vivemos tempos de fascismo galopante, do culto aos fortes, dos competentes, dos vencedores, o culto da força. Tudo é espetáculo. Tudo é grandioso. Mas...

Ao invés da fraqueza de cultivar apenas a força, é necessário ter a força de estar à altura da própria fraqueza.

Mas isso exige outra cultura e outra percepção que conversa, diz Peter, com o texto de Didi-Huberman sobre a sobrevivência de vagalumes como formas de resistência à cultura da luminosidade absoluta, da espetacularização. Sua singular bioluminescência precisa de um pouco de penumbra para (re)luzir. Precisamos reeducar nossa percepção para enxergar também os modos menores de existir e fazer a leitura do contemporâneo não só pelos macrodesenhos mas a partir das miríades de experiências e experimentações minúsculas. Será que conseguimos resgatar essa dimensão mais vacilante?

O desafio biopolítico é dar a ver a biopotência, abrir-lhe o paço, porque ao lado do poder há sempre a potência e ao lado da dominação há sempre a insubordinação. Então, diz Peter, é necessário cavar a partir do mais baixo, ali onde estão os mais pobres, os que mais sofrem, onde há menos poder de ação... mas há poder de ação! Tal operação deverá ter a virtude, adiantamos, de enlaçar as modalidades de deserção ativa à experimentação como potência coletiva.

Porque tudo isso é a vida e não a morte.

A contemporaneidade tem apresentado a solidão como risco para a saúde mental, produto da pulsão de morte, e nosso convidado, a propósito, narra acontecimento em aula de Deleuze que, interrompido pela pergunta "Por que nos sentimos tão sós?" a apontar para a lamúria da solidão atual, responde: "Eu não sei se nos deixam tão sós ou se não nos deixam suficientemente sós". Isso porque, em ligeireza, costumamos opor solidão e gregariedade e ainda enlaça-las à depressão uma e à conectividade, senão à saúde mental, a outra. Entretanto, numa tradição de pensamento que remonta a Nietzsche, devemos recolocar a questão sobre a gregariedade e o espírito de rebanho que, talvez, esteja bem traduzido pelo neologismo socialitarismo (socialismo e autoritarismo), e diz da obrigação de estarmos junto o tempo todo, à saturação, sem chance para outros encontros, sem oportunidade de se deixar ser atravessado por outras tribos. No consenso homogêneo não há encontro: há saturação e espelhamento.

Peter propõe pensarmos numa solidão positiva, aquela que garante a defesa de nossa potência de encontro, de nosso poder de afetar e de sermos afetados. Refere Chaim Samuel Katz e seu livro *Coração Distante: Ensaio Sobre a Solidão Positiva*. É preciso pensar, sugere, a convivência excessiva como solidão e a solidão (positiva, portanto) como possibilidade do encontro.

Mas desde cedo o sistema educacional está aliado ao biopoder. As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais do ensino médio, por exemplo, o fazem adaptadas às necessidades do capitalismo com a transformação da massa de alunos em pequenos e grandes robôs. Além de um retrocesso, é um crime, sentenciamos. A gregariedade acadêmica é efeito de um assujeitamento semiótico porque não está

posta para a transmissão de informação, mas para a modelagem da percepção e de afetos; não se aprende conteúdos, mas um jeito de obedecer, um certo modo de ser competente esculpido por aqueles poderes que reprimem e por aqueles que incitam.

Portanto, àquela produção de subjetividade operada pelo biopoder respondemos com a abertura ao encontro e à invenção e novidade, de um lado, e com modos de deserção ativa a fazer render nossa competência. Negri, informa Peter, nomeia êxodo às linhas de fuga das condições de opressão. Antes de gesto individual e solitário, linhas múltiplas que se cruzam e produzem novos coletivos. Fugir para encontrar outros modos de existência para produzir outra existência.

A palavra de Peter Pál Pelbart vem em boa hora. Nosso alunado e corpo docente

puderam acompanhar um pensamento complexo com tranquilidade porque trazido com a leveza que convém ao mais fundamental. São reversões desta ordem que poderão, elas também, abrir aquela clareira que acolha a novidade, a invenção de novas formas de perceber, de fazer e sentir.

O exercício da profissão de psicólogo, em especial, deverá estar iluminado por essas linhas de força, então apresentadas, porque quem trabalha precisa inventar formas e não replicar fórmulas. Com a vocação para fazer luzir as miúdas bioluminescências, que este seja nosso compromisso. ■



Alunos do curso de Psicologia, do projeto HumanizaSom, em apresentação e junto ao palestrante Peter Pál Pelbart.



★
UNIBRASIL

